

ARQUEOLOGIA & História

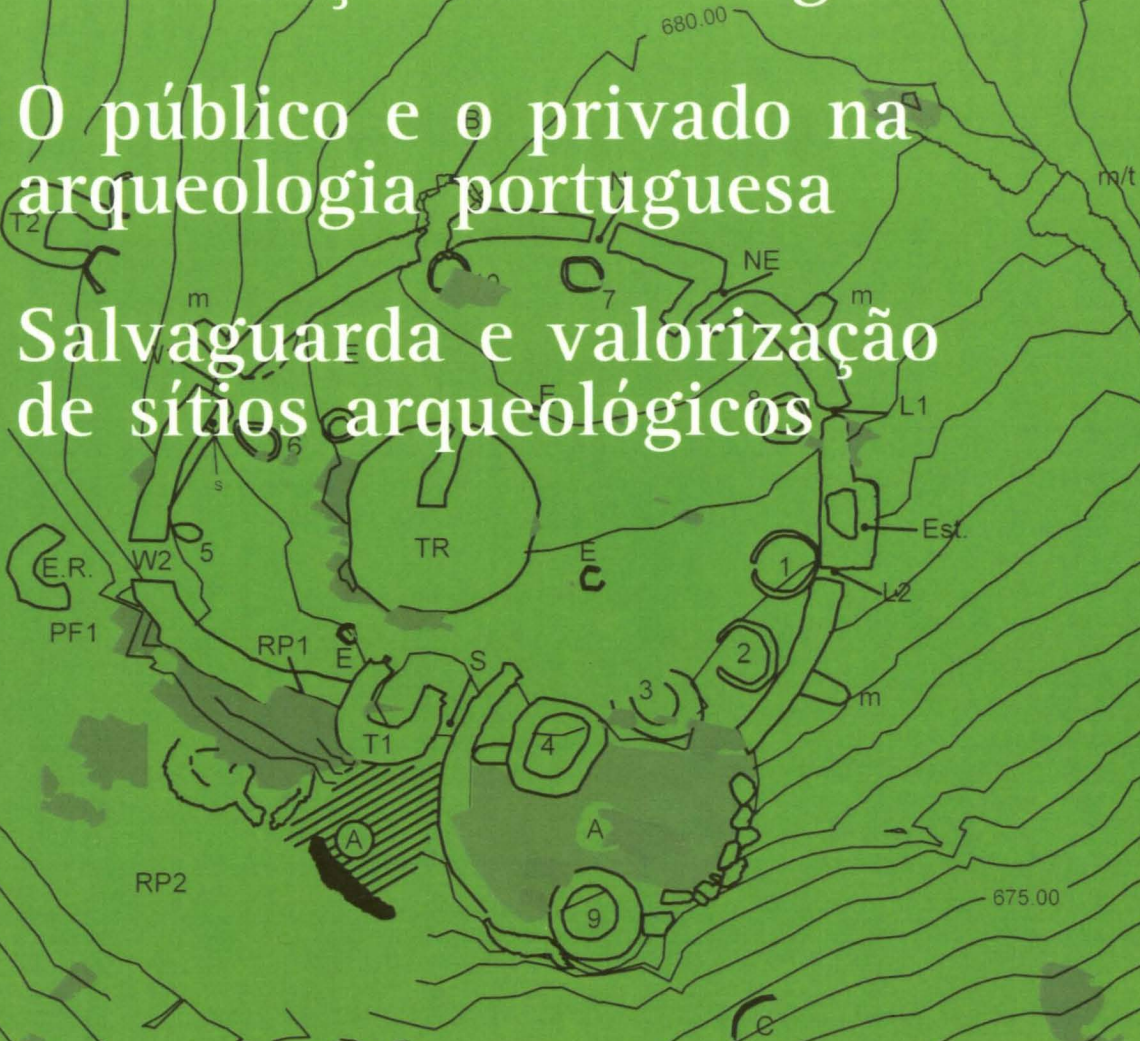


Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses | Volume nº55 | 2003

Neolitização em Portugal

O público e o privado na
arqueologia portuguesa

Salvaguarda e valorização
de sítios arqueológicos



Titulo
Arqueologia e História

Volume
55

Edição
Associação dos Arqueólogos Portugueses
Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa
Tel: 21 346 04 73 · Fax: 21 324 42 52
e-mail: associacao.arqueologos@clix.pt

Direcção
José Morais Arnaud

Coordenação
Paulo Almeida Fernandes

Projecto gráfico
oficina de design Nuno Vale Cardoso Et Nina Barreiros

Impressão
Publidisa

Tiragem
350 exemplares

© Associação dos Arqueólogos Portugueses
ISSN
972/9451-39-7

Solicita-se permuta
Exchange wanted

Ao artigos publicados nesta revista são da exclusiva
responsabilidade dos respectivos autores

D. Fernando de Almeida na encruzilhada da Arqueologia Portuguesa

José Luís de Matos

A acção de D. Fernando de Almeida tem para a Arqueologia Portuguesa um significado de mediação entre a época de estudos arqueológicos de feição antiquarista que Ele encontrou e os novos horizontes científicos e profissionais da Arqueologia actual.

Enquanto Presidente da "Associação dos Arqueólogos Portugueses" o Professor Doutor D. Fernando de Almeida recolheu nesta nossa Associação o legado de Possidónio da Silva e dos Arqueólogos que desde há um século tinham desenvolvido uma actividade esforçada mas globalmente diversificada e dispersa. Foi já feita referência a essa profícua acção.

Como director do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia continuou o trabalho do fundador José Leite de Vasconcelos procurando no entanto autonomizar uma Arqueologia que parecia confundir-se no tempo do seu primeiro director com as ciências da Etnologia, uma orientação que se revelava então incompatível com o desenvolvimento mais recente de ambas as disciplinas.

Professor da Faculdade de Letras de Lisboa a sua preocupação foi sempre afirmar a identidade científica da Arqueologia que tinha encontrado numa espécie de limbo antiquarista e artístico, uma situação que era visível na própria estrutura dos cursos superiores de História em Portugal.

A forma inovadora como encarou os problemas da Arqueologia trouxe não poucas dificuldades ao seu trabalho e muitas animosidades pessoais. Apesar da impressionante quantidade e qualidade dos seus estudos teóricos e dos trabalhos de campo, alguns persistem sobranceiramente em considerá-lo como um profissional de medicina que se ocupou de arqueologia nas horas vagas. A razão é outra: o Senhor D. Fernando incomodou, quer porque tinha uma perspectiva de trabalho que ultrapassava as fronteiras de muitas capelinhas e invadia coutadas, ou porque apoiava estudos e iniciativas inovadoras, desenvolvendo, ao contrário da prática dos guardadores de segredos que proliferam no meio arqueológico, um numeroso grupo de discípulos a quem abriu caminhos proibidos. A vereda iniciática tinha-se tornado demasiado estreita, sobretudo para os mais novos, mas o Professor D. Fernando entendeu que isso deveria mudar.

Para se poder entender o que foi a acção de D. Fernando de Almeida importa fazer um ponto de situação, quer quanto ao desenvolvimento das ciências arqueológicas na sua época quer quanto ao ambiente social e profissional que encontrou.

O desenvolvimento das ciências arqueológicas, no domínio da Arqueologia Clássica, viveu nesse período momentos de ruptura que importava acompanhar: desenvolviam-se novos métodos de escavação, estudavam-se de forma científica os materiais, a pesquisa era intensa, as sínteses globalizantes começavam a chegar; a arqueologia clássica tornava-se ciência de parte inteira.

Por outro lado abria-se entre nós uma nova consciência das especificidades regionais. No que diz respeito à zona sul de Portugal, aparte as surtidas pontuais de um ou outro arqueólogo, ou daquilo que se chamou a "arqueologia de férias", os territórios meridionais não tinham sido praticamente objecto de trabalhos sistemáticos no que respeita à arqueologia clássica. No entanto estava em pior situação a Arqueologia Medieval que fora até então quase ignorada, objecto de desprezo ou de displicência criminosas.

As ciências da Pré-História tinham-se emancipado, mercê de uma conjuntura científica que durante o século XIX e primeira metade do XX valorizara os trabalhos de arqueologia pré-histórica ou da Idade Antrópica, na perspectiva das Ciências Geológicas, acompanhando de resto os estudos Etnológicos que tiveram por alvo as populações primitivas. Nos inícios de novecentos José Leite de Vasconcelos havia protagonizado entre nós o desenvolvimento das Ciências pré-históricas, assumindo o legado dos geólogos e antropólogos portugueses e estrangeiros da sua época. A Pré-História autonomizara-se saindo do mundo das arqueologias artísticas e ultrapassava o conceito de Antiguidades Nacionais em uso no tempo de Possidónio da Silva fundador da nossa Associação. De resto, a criação do Museu de José Leite de Vasconcelos em Lisboa, na mesma altura em que se instalou um Museu de Arte Antiga, tinha significado, ao nível da Cultura Portuguesa, uma primeira distinção global entre materiais artísticos e materiais arqueológicos.

O Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia foi criado por José Leite com o objectivo de revelar a identidade do "Homem Português", uma perspectiva nascida no seio dos nacionalismos decimonónicos. O seu primeiro director tornou-se, nessa perspectiva, o colector incansável de uma globalidade de objectos arqueológicos de todas as épocas. Não só o Museu acumulava materiais arqueológicos muito diversos, como os seus dois primeiros directores assumiram uma atitude científica ecléctica: Leite de Vasconcelos e o seu sucessor no Museu e na cátedra, Manuel Heleno, estudavam ao mesmo tempo antas do Alentejo e estátuas romanas. Porém, o peso e a importância dos materiais pré-históricos recolhidos no Museu de Belém, o intenso labor dos Serviços Geológicos nesse domínio, a formação de vastos espólios no Museu do Carmo e a conjuntura científica nacional e internacional contribuíram para dar uma importância decisiva a esse sector. Lisboa tinha-se especializado nos estudos de arqueologia pré-histórica.

A orgânica do curso de História na Faculdade de Letras de Lisboa era, na altura em que o Professor Fernando de Almeida tomou posse da sua cátedra, reveladora de uma atitude ignorante e displicente dos universitários relativamente ao lugar que a arqueologia deve ocupar nos estudos superiores. Em Lisboa a arqueologia fazia então figura de parente pobre relativamente a uma secção de História e a um Instituto de História dominados pela figura incontornável de Virgínia Rau, lugar cimeiro do ensino das "Ciências Históricas" nelas incluindo a própria Pré-História, enquanto a chamada Arqueologia fora arrumada numa subsecção residual de tipo "humanístico", como então se dizia, na companhia da História de Arte. Tratava-se de uma anomalia científica e institucional. A sua correcção foi tentada pelo Professor D. Fernando de Almeida através da multiplicação de iniciativas académicas, produzindo um intenso labor de pesquisa teórica e de campo, fazendo-se acompanhar nessa acção pelos alunos.

No Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia o director Fernando de Almeida encontrou uma situação degradada do ponto de vista institucional e científico. O Museu tinha-se tornado num grande armazém de peças, um óptimo local para fazer escavações, como dizia o seu

particular amigo Garcia y Bellido, outro dos inovadores ibéricos dos estudos arqueológicos. As extensas colecções do Museu de Belém recolhidas por José Leite não tinham sido estudadas, e isso deveu-se naturalmente às limitações pessoais e institucionais existentes e à tendência ecléctica dos directores anteriores, mas sobretudo à política de secretismo que limitara o estudo das colecções a pouquíssimos investigadores que a elas tinham acesso. Acresce ainda o facto de a musealização ter sido como que mumificada desde o tempo de José Leite ignorando por completo o desenvolvimento das dinâmicas expositivas que qualquer museu deve possuir nos nossos tempos. Nos poucos anos que permaneceu à frente do Museu o Senhor D. Fernando iniciou, com meios limitados é certo, a alteração desta situação de bloqueio institucional e científico: criou um corpo de funcionários com antigos alunos seus, iniciando a renovação, e abriu largamente o estudo das colecções a todos os que podiam contribuir para o desenvolvimento das ciências arqueológicas.

Mas esta encruzilhada em que o Professor Fernando de Almeida se encontrou tem ainda contornos, por assim dizer, geográficos. A Pré-História tinha-se tornado, muito justamente, uma especialização lisboeta. A pesquisa científica desenvolvia-se fundamentalmente em torno de dois museus, o dos Serviços Geológicos que promovia um trabalho científico notável, sobretudo no campo da Pré-História Antiga, e o Museu de José Leite que possui ainda hoje, salvo erro, a maior colecção de objectos pré-históricos existentes em território nacional. Aí Manuel Heleno realizou estudos de Pré-História recente de época neolítica e calcolítica.

Neste mesmo fórum universal que é a Associação dos Arqueólogos Portugueses tiveram assento alguns dos grandes pré-historiadores portugueses; permitam-me que recorde saudosamente os nomes de Veiga Ferreira e Afonso do Paço com quem D. Fernando de Almeida trabalhou de perto, para não citar senão dois membros da Associação de entre uma plêiade numerosa que mereceria igualmente referência.

Embora a romanização do território português tenha obtido como campo primordial a área a sul do Tejo o estudo da arqueologia clássica desenvolveu-se sobre-

tudo na transição entre o norte o sul que é Coimbra. Os motivos desse facto são vários: a influência dos estudos de cultura clássica da Universidade de Coimbra, o labor de Virgílio Correia, a cavaleiro entre a História de Arte e a Arqueologia propriamente dita, o trabalho pioneiro de escavação de Conimbriga por José Manuel Bairrão Oleiro e as equipas que formou nessa estação arqueológica. Ainda hoje a Universidade de Coimbra pontifica neste domínio.

No norte castrejo (e suévico) Martins Sarmiento criou em torno do Museu de Guimarães uma escola notável, que poderia apelar-se de céltica se o termo não fosse tão confusamente entendido hoje em dia, reflectindo muito justamente a identidade dessa região. As universidades do Porto e de Braga continuam essa tradição de estudo da Pré-História recente e da Proto-História. Os estudos sobre os suevos proto-medievais do norte veio reafirmar essa mesma identidade regional que se distancia territorial e culturalmente do mundo visigótico tardo-romano do sul.

Neste contexto de entendimento epistemológico e geográfico o Professor D. Fernando optou por romper as barreiras da geografia física e dos cenáculos instituídos, promovendo trabalhos em todo o território nacional, mas sobretudo na área a sul do Tejo, desenvolvendo um grande número de trabalhos de campo nas áreas da arqueologia clássica e medieval. A partir da pesquisa de D. Fernando temos hoje a evidência que o sul possui uma enorme riqueza arqueológica; aí trabalha nos nossos dias um numeroso grupo de investigadores que porventura desconhece ou não identifica a figura tutelar que, discretamente ou enfrentando resistências, abriu muitas portas que permaneciam fechadas. Estações arqueológicas como Santiago do Cacém, São Cucufate, Tróia ou mesmo Torre de Palma e Vilamoura a sul do Tejo, Odriñas ou Idanha a Velha a norte do Rio, são, entre muitos outros, lugares que o Professor D. Fernando abriu à investigação ou onde deixou marca profunda. Aí continuam, de resto, a trabalhar os seus discípulos.

O próprio termo Arqueologia foi entendido de forma extremamente restritiva em Portugal anteriormente a D. Fernando de Almeida. Ainda hoje não poucos arqueólogos supõem, implicitamente, que quando se fala de

Arqueologia se está a tratar de Romanidades, desconhecendo na prática que as ciências arqueológicas não têm idade não são classificáveis por épocas e se definem sobretudo por serem um processo de pesquisa que deve ser aplicado à investigação de todas as épocas históricas.

No domínio da epistemologia arqueológica, os trabalhos sobre Arqueologia Visigótica que o nosso antigo Presidente realizou, representaram na realidade uma abertura estratégica sobre a Idade Média, mas essa ruptura abriu caminho a áreas de estudo muito variadas que extravasam os terrenos em que se move um velho tribalismo persistente. A arqueologia medieval que fora objecto de investigações dispersas por arqueólogos do norte português, mas sobretudo por Virgílio Correia em Coimbra muito ainda em clave antiquarista e de História de Arte, tem o seu verdadeiro arranque científico com o nosso homenageado de hoje.

A influência que exerceu mede-se pelo número dos seus antigos discípulos que ensinam actualmente nas

universidades portuguesas de norte a sul do país: Porto, Coimbra, Lisboa, Faro.

Da sua escola saíram boa parte dos actuais arqueólogos que trabalham no campo ou nos principais museus portugueses. As novas gerações de arqueólogos, que o não conheceram pessoalmente, são dele devedoras, quer porque lhes é permitido desenvolver a sua actividade sem os constrangimentos que D. Fernando de Almeida teve a coragem de romper, ou porque seguem os caminhos que foi Ele o primeiro a abrir.

No domínio específico da Arqueologia Medieval, há hoje uma segunda geração entregue a estudos islâmicos e cristãos no sul português que, não o tendo conhecido, é de certo modo seu descendente e herdeiro.

A proverbial disponibilidade para ensinar e promover a pesquisa arqueológica que foi timbre do Professor D. Fernando de Almeida deu por isso abundantes frutos. Essa coroa de glória é um ornamento raro que não pousa sobre as cabeças de muitos dos que foram seus pares.



Associação
dos Arqueólogos
Portugueses